

A Torre Eiffel, Grande Dame da França

*A torre de 300 metros, mundialmente conhecida,
que provocou protestos, ao ser construída,
tem agora um lugar
bem merecido no coração dos franceses*

J. BRYAN, III

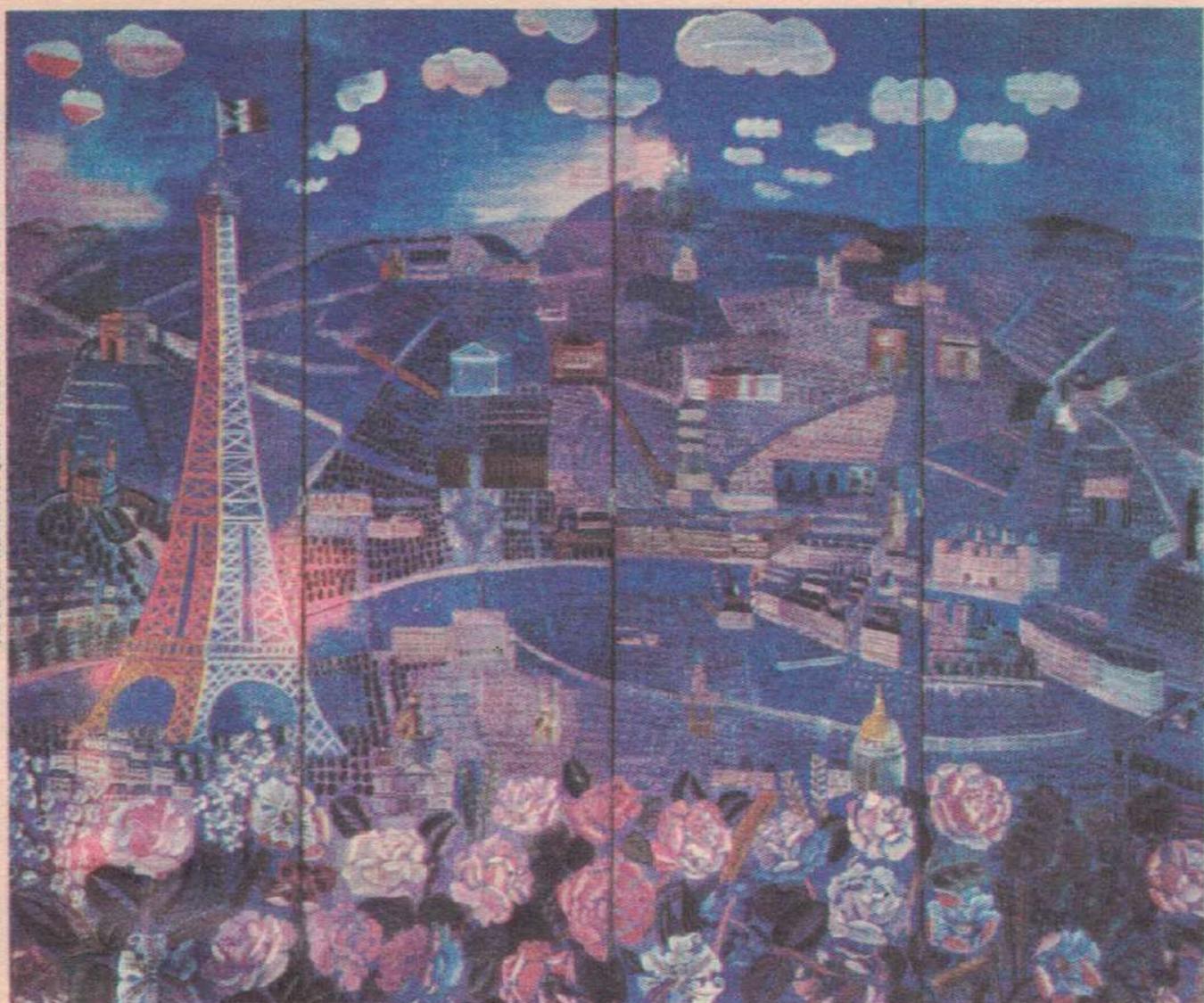
A TORRE EIFFEL é a mais famosa construção metálica do mundo. Duvida disso? Pensa nas pessoas que confundiriam o Taj Mahal, o Empire State Building e outros edifícios imponentes e, entretanto, reconheceriam a Torre Eiffel (aquele A maiúsculo alongado) imediatamente e sem hesitações.

E mais, a torre tem um esplendor especial: é o símbolo característico, pessoal, da cidade de Paris. É o símbolo de toda a França.

Mas a Torre Eiffel não foi sempre admirada e respeitada. Durante o projeto e a construção, ela foi criticada, ridicularizada, odiada. Na dé-

cada de 1880, a França estava apenas começando a esquecer a humilhação da guerra franco-prussiana, e a recuperar parte do orgulho gaulês. Determinado a apresentar uma imagem de tendência pacifista, o governo francês programou a Exposição Universal para 1889, no centenário da Revolução. Sua atração principal: uma espetacular torre de 300 metros.

Uma comissão do governo abriu concorrência para construção da torre, a ser erigida no Campo de Marte, entre a Escola Militar e o Sena. Setecentos projetos foram apresentados, mas o de Gustave Eiffel foi aprovado por unanimidade.



Biombo, pintado por Raoul Dufy

Eiffel tinha então 53 anos, um homem baixo, dinâmico e alegre, com boa reputação como engenheiro e dono de considerável fortuna. Havia construído uma represa na Rússia, uma fábrica na Bolívia, uma igreja em Manila, uma estação ferroviária em Budapeste e pontes em dezenas de países, para não mencionar docas, portos e viadutos. Quando o escultor Bartholdi precisou de uma armação bastante resistente para a Estátua da Liberdade, Eiffel a projetou. Também idealizou as esclusas para o Canal do Panamá, que tinha projeto de Ferdinand de Lesseps, mas foi a torre em Paris que lhe deu fama.

O solo começou a ser escavado em 28 de janeiro de 1887 e, antes do fim da semana, Paris já tinha explodido em protestos. Um manifesto, *Protestation des Artistes*, dizia assim: «Nós, escritores, pintores, escultores, arquitetos, admiradores devotados da beleza de Paris, intacta até agora, vimos protestar com toda a nossa energia e indignação... contra a idéia de se erigir, no centro de nossa capital, a inútil e monstruosa Torre Eiffel...» Os artistas não foram os únicos a maldizer a torre. Outros críticos se sucederam: «Aquela ferragem arrogante... esqueleto vergonhoso... supositório solitário.»

Os descontentes, furiosos, haviam deixado de perceber o objetivo principal. A estética fora de menor importância para a comissão; a torre anunciaria a indústria pesada da Terceira República, sua técnica de engenharia e a saída do abismo de humilhação da guerra franco-prussiana.

As escavações para as fundações da torre levaram cinco meses e se aprofundaram até 14 metros, do lado mais próximo ao Sena, cinco metros abaixo do leito do rio. Nos nove meses seguintes, a obra de ferro se elevou a 57,63 metros, onde a primeira plataforma ligava as pernas. A segunda, duas vezes mais alta, porém menor, levou menos de quatro meses. Um professor havia declarado que a torre não tinha possibilidade de ir além de 228 metros, «porque a oscilação a faria desabar». Quando as vigas de cima se aproximavam desse limite, parisienses amedrontados fizeram romarias à torre, atentos ao menor deslocamento ou tremor. A cidade prendeu a respiração, e a torre passou pelo «teto» e continuou a subir.

A terceira plataforma foi fixada em seu lugar, a 276,15 metros. Essa era a plataforma mais alta acessível ao público, mas, acima dela, havia uma quarta, que Eiffel reservou para si próprio: um «ninho-de-águia», pequeno e particular (seu *salon aérien*), onde ele receberia visitantes ilustres, estudaria aerodinâmica, e contemplaria o pôr-do-sol (num dia claro a vista abarca 80 quilômetros). Acima de tudo, exatamente

a 300,65 metros, ficava uma plataforma minúscula, que tinha apenas um mastro de bandeira, um pára-raios e uma grade. Aí, a 30 de março de 1889, o último rebite foi cravado. A grande torre estava terminada.

Durante 40 anos, seria a construção mais alta do mundo, até que o Edifício Chrysler subiu a 319 metros. Até recentemente, era a maior atração turística do mundo, e teve outras distinções que nunca perderá. Grandes artistas a pintaram — na verdade, para o cubista Delaunay, ela era um tema favorito. Poetas têm tecido grinaldas literárias a seu respeito. A torre é cenário de um balé e tema de diversos filmes.

Aquele último rebite pedia uma cerimônia solene, de modo que Eiffel convidou cerca de 50 personalidades para se reunirem a ele a 31 de março, numa escalada pioneira ao cimo. Seria a pé, preveniu Eiffel. Ele estava tão avançado em seu prazo de construção que os elevadores não tinham ficado prontos. O grupo se reduzia à medida que ia subindo, mas 20 «heróis» conseguiram chegar até o «ninho-de-águia» (1.585 degraus) e Eiffel levou alguns com ele ao cimo (1.710 degraus). Lá, ele hasteou uma enorme bandeira francesa. Enquanto ela tremulava ao vento, uma salva de 21 tiros ressoou na segunda plataforma da torre. «A França», exultou ele, «é a única nação no mundo com um mastro de bandeira de 300 metros!»

Seis semanas depois, a torre foi oficialmente inaugurada. Os elevadores ainda não estavam prontos,

mas o público se apinhou (29.922 valentes naquela primeira semana) dentro dela, lá em cima, em volta e por baixo, esperando talvez que o exercício os ajudasse a digerir os números incríveis que a imprensa lhes fornecera: 15 mil tipos diferentes de partes componentes, dois milhões e meio de rebites, etc. Mais tarde, surgiram outros dados numéricos acerca da torre. O vento mais forte já medido na torre (179 quilômetros por hora) fez com que oscilasse quase 12 centímetros da vertical, mas um sol de verão pode aumentar a inclinação para 18 centímetros, e um frio intenso de inverno pode diminuir a altura da torre em 15 centímetros. A cada sete anos, o peso da torre aumenta de cerca de 45 toneladas, o peso dos 33.753 litros de tinta, necessários para cobrir sua superfície de aproximadamente 160 mil metros quadrados. Trinta operários especializados em edifícios altos passam oito meses fazendo o trabalho, e consomem um número astronômico de pincéis.

Quando o primeiro elevador começou a funcionar, no fim de maio (existem quatro agora), as borboletas registraram 23.202 visitantes num único dia. Entre os primeiros, estava Thomas A. Edison, que levou um gramofone para o «salão aéreo» de Eiffel, e lhe ofereceu um concerto. Charles Gounod também deu um concerto no «ninho-de-águia». Outra, um assinante do manifesto contra a torre, Gounod, naquele dia, assinou o livro dos visitantes. O mesmo aconteceu com Sarah Bernhardt, o

Príncipe de Gales, os reis da Noruega, Suécia e Sião e o Xá da Pérsia.

O número de visitantes, no resto do ano, foi de 1.968.287. Se agradava ao engenheiro Eiffel contar suas cabeças, agradava muito mais ao homem de negócios Eiffel contar as entradas (5.919.884 francos), e verificar que três quartos de todo o custo da construção (cerca de oito milhões de francos) já tinham sido cobrados. Seu contrato exigia não só que ele construísse a torre, mas que a administrasse por 20 anos.

Anos mais tristes e improdutivos se seguiram. Quando a Exposição fechou, os ingressos na torre caíram abruptamente. Em 1902, baixaram para apenas 121.144. O coro dos críticos, quase silencioso desde 1889, começou a crescer de novo; mas se a ênfase, então, havia sido a palavra «Monstruosa!» agora era «Inútil!»

Então, em 1903, Eiffel sugeriu que Gustave Ferrié usasse a torre como base de suas experiências para adaptar a nova telegrafia-sem-fios ao uso militar. Ferrié gostou da idéia, e logo Eiffel pôs a torre à sua disposição, pedindo para financiá-la, como privilégio de um patriota.

As experiências de Ferrié foram um sucesso. Em 1904, ele estava em contato com postos do exército a 400 quilômetros de distância. Na campanha do Marrocos, em 1908, ele forneceu ao quartel-general comunicações bilaterais com o campo de batalha. Numa noite de setembro, em 1914, a estação interceptou a ordem alemã para que o ataque a Paris se desviasse para sueste. Avisa-

do de antemão, Joseph Simon Galliéni, governador militar de Paris, pôde impedi-lo, na primeira batalha do Marne. Jean Jules Jusserand, então, batizou a torre de «A Sentinela da França».

O contrato original de Eiffel já tinha sido prorrogado até 1926; mas, em 1919, as autoridades, reconhecidas, o prorrogaram por mais 20 anos. Ele tinha então 87 anos, e era ainda ativo. Aos 89, insistiu em escoltar o príncipe herdeiro Hirohito ao «ninho-de-águia». Morreu oito dias depois de seu 91.º aniversário.

Quase que desde seu início, a torre havia sido escalada por uma série de exibicionistas. Subiam-na de joelhos, com as mãos, em pernas de pau, carregados por outros e de costas. Um elefante foi içado, um ciclista desceu de bicicleta. Acrobatas se exercitavam nas vigas. Alpinistas escalavam os flancos. Um piloto de avião tentou passar pelos arcos, mas cometeu um erro fatal. Um alfaiate pulou dela, para demonstrar uma combinação de capa impermeável e pára-quadras de sua invenção — outro erro fatal. O famoso vigarista, «Conde» Victor Lustig, «vendeu-a» a negociantes em ferro-velho. E, se não me engano, só suicidas houve mais de 300 até agora.

Muitos franceses acharam o cúmulo da indignidade quando uma fábrica de automóveis anunciou seu nome em lâmpadas elétricas ao longo da torre. Mas o pior ainda viria. A 4 de junho de 1940, a torre caiu nas mãos dos nazistas, intacta, exceto em seu equipamento de rádio, que

os operadores tinham destruído por sua própria iniciativa. Os mecânicos encarregados da conservação fizeram o que puderam; anunciaram que os elevadores estavam quebrados e não podiam ser usados. Os nazistas, compreendendo bem o simbolismo da torre, consertaram em seguida o elevador para a primeira plataforma, onde estabeleceram um clube para oficiais. Só a 25 de abril de 1944, o Dia da Libertação, é que um soldado francês subiu à plataforma mais alta, e lá hasteou a bandeira francesa, no alto do «mastro de 300 metros». Desde 1957, nunca mais foram içadas bandeiras no alto da torre. Uma nova antena de televisão *foi montada no cimo, e os técnicos receavam que uma bandeira, ao tremular, pudesse interferir com a transmissão.

Em anos recentes, a Torre Eiffel tem recebido bem mais visitantes do que nunca. Em 1972 recebeu três milhões de pessoas (um récorde francês absoluto), duas vezes mais que o Louvre, mais de cinco vezes que o Arco do Triunfo. Até janeiro de 1973, o número total de visitantes foi de 65.322.270.

Hoje a *Grande Dame* da França está em excelente forma, não só financeira como fisicamente. Poucos consertos têm sido necessários, nenhuma viga teve de ser substituída. Ela está tão esbelta e imponente como em sua mocidade. Aos olhos afetuosos dos franceses, ela é linda, e parece destinada a durar para sempre, como testemunho eterno da insaciável engenhosidade humana.